

# Exterior tem <sup>u</sup> mesma prática

**N**a última semana, **The Economist** lembrava os heróicos **clippers**, que, no século XIX, singravam os mares do mundo na tarefa de expandir o comércio mundial. Esse panorama do século passado, no final do século XX, uma mera lembrança. O mercantilismo, com a recessão mundial, vai dando lugar ao protecionismo.

Depois de uma década sob o impacto da **reagomis**, que abriu a economia norte-americana ao mundo, graças a um dólar supervalorizado, destinado a evitar a inflação mundial no final dos anos 70, quando o mercado internacional estava alagado pela moeda dos Estados Unidos, o governo de Washington mudou de tática.

Endividado internamente e externamente (12,5 trilhões de dólares, a dívida total da comunidade, famílias, empresas e governo), o país, que perdeu a competitividade face aos seus

principais concorrentes mundiais, Japão e Alemanha, está tentando reagir para superar a recessão, desvalorizando o dólar, para estimular as exportações, e cortando impostos e reduzindo juros, bem como incrementando os gastos públicos, para puxar a demanda efetiva. Estratégia keynesiana em marcha.

Diante da redução das taxas de juros nos Estados Unidos, o governo japonês, imediatamente, reduziu, também, as suas taxas, para tentar conter, igualmente, a recessão produzindo ainda mais barato a forma de continuar competitivo internacionalmente.

Irmãos siameses, os Estados Unidos e Japão, agora, pressionam a Alemanha para reduzir os juros. O Bundesbank elevou as taxas para evitar a inflação e suportar os custos impostos pela reintegração da nação alemã. A estratégia de Bonn levou os demais países europeus a agirem no mesmo sentido, para manter a paridade de suas moedas e não ter que competir com o marco superforte. Mas, o medo da inflação, igualmente, ronda a economia norte-americana com as

taxas de juros baratas, que estimula o consumo excessivo. Nesse contexto, de forma contraditória, o governo Bush vai tentando se equilibrar, fechando, de um lado, para tentar proteger o nível de emprego, mas correndo o perigo de enfrentar a inflação.

A complicação maior pode ocorrer caso não se chegue, no Gatt, a um acerto em relação à Rodada Uruguai, cujo obstáculo maior está centrado no comércio de produtos agrícolas. Tanto os Estados Unidos como a Europa não abrem mão de subsidiar a produção e a exportação agrícolas.

Nesse quadro, a situação do Brasil, segundo o vice-presidente da Associação dos Exportadores (AEB), Laerte Setúbal, ficará crítica: "Nos anos 80 — disse — foi possível suportar os planos de estabilização do FMI porque a economia mundial, com o dólar super forte, estava em expansão. Como o resultado dessa expansão, dez anos depois, acabou na recessão dos Estados Unidos, que se endividaram demais, hoje, a economia mundial está em recessão, como a economia brasileira.